

LITERATURA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI: O MICROCONTO

Greici Gracieli Diesel

Mara Taciele Lutz

Resumo: No Brasil há poucos estudos teóricos sobre o microconto, que ganha força no cenário atual. A velocidade do nosso tempo abriu espaço para uma nova forma de criação acelerada praticada por bons escritores e recebida com entusiasmo pelos leitores. Nesse sentido, além de discorrermos sobre o gênero, apontamos neste artigo que tanto a leitura quanto a escritura de um microconto é um exercício que exigirá do leitor criatividade, poder de síntese e de reflexão sobre o dito ou apenas sugerido, além de proporcionar uma brincadeira divertida (mas não fácil) à medida que abre diversas possibilidades para cada leitor suplementar a micronarrativa com seus conhecimentos prévios.

Palavras-Chave: Microconto; Leitura; Escrita; Ensino de Língua Portuguesa.

Quando nos propomos a estudar teoricamente o microconto, entramos na discussão de aspectos constitutivos de variados gêneros de ficção reduzidas (fábula, anedota, provérbio, parábola, haicai, epigrama, poema em prosa e conto), com o intuito de buscar uma terminologia e, na comparação dos mecanismos discursivos dos textos, uma aproximação ou um distanciamento, de modo a legitimar tanto a nomenclatura quanto a teoria que se reporta a ele. Essas formas encontram-se na base discursiva do microconto em maior ou menor grau, entretanto, o conto se aproxima mais, inclusive, a palavra ‘microconto’ carrega em si essa ligação, o diferenciador é o prefixo ‘micro’, o que faz toda diferença. Apesar da proximidade com o conto, o microconto bebe em todos os gêneros e formas de expressão artística, assim, enriquecendo-se.

No Brasil, usa-se com mais frequência as terminologias miniconto, minificção, microconto e microficcção para nomear as narrativas hiperbreves. Percebemos que os elementos vocabulares fundamentais oscilam entre ‘conto’ e ‘ficção’; os prefixos, entre ‘mini’ e ‘micro’. Há certa diferenciação de carga semântica nos prefixos, a saber: ‘mínimo’ e ‘microscópico’, respectivamente. O emprego dessas nomenclaturas se intensificou há pouco tempo, com a força da difusão em livros, blogs, twitters e outras redes sociais, entretanto, são raros os debates e estudos teóricos, principalmente, sobre microconto. Os estudos acadêmicos, teses e dissertações preferem usar nomenclaturas mais abrangentes, como minificção e miniconto. Assim, necessitamos examinar o que os estudos teóricos entendem por narrativas, micros, bem como

recorremos a obras de escritores contemporâneos a fim de buscar aporte para mostrar que o microconto é uma realidade dentro da literatura brasileira atual, impressa e digital.

O hábito de ouvir e contar histórias acompanha a humanidade no tempo e no espaço. Pode-se afirmar que todos os povos, em todas as épocas, cultivaram seus contos. Inicialmente anônimos, preservados pela tradição, mantiveram costumes e valores, contribuíram para explicar a história e a cultura das sociedades. Da compilação dos contos mais conhecidos de *As Mil e uma Noites* (2000), de Antoine Galland (seleção e tradução de Ferreira Gullar), no final da Idade Média aos contistas contemporâneos, a narrativa curta é recebida com especial interesse pelos leitores. De acordo com os movimentos artísticos que cada época produziu e os estilos dos autores, novos contos surgiram, diferenciando-se dos populares e infantis, como os de terror, os de mistério, os sombrios, os fantásticos, os de humor, os cômicos, os religiosos, os realistas, os regionalistas, os psicológicos, os minimalistas etc.

São poucos os estudos específicos acerca da produção brasileira dos contos brevíssimos. Karl Erick Schollhammer, em *Ficção brasileira contemporânea* (2009), dedica-se aos estudos críticos em torno da literatura produzida no Brasil nas últimas três décadas, até a produção recente, na qual inclui o miniconto e, sem se aprofundar, o microconto.

O lançamento do livro *Geração 90: manuscritos de computador* (2001), organizado por Nelson de Oliveira, sugere, apesar de não haver nenhuma tendência clara que unifique os contistas (a não ser pela heterogeneidade e pela temática voltada para a sociedade e a cultura da geração a qual pertencem), duas hipóteses sobre a nova geração literária: no subtítulo da coletânea de contos há indicação de:

que a nova tecnologia de computação e as novas formas de comunicação via Internet provocaram nessa geração uma preferência pela prosa curta, pelo miniconto e pelas formas de escrita instantâneas, os flashes e stills fotográficos e outras experiências de miniaturização do conto. Este traço remete a segunda hipótese sustentada pela antologia, sugerindo que a geração da década de 1990 retoma o exemplo da geração de 1970, que teria produzido o primeiro grande boom do conto brasileiro com autores que hoje podemos chamar de clássicos contemporâneos: Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles, Rubem Fonseca, Sérgio Sant'Anna, Roberto Drummond, João Antônio, José J. Veiga, Murilo Rubião (OLIVEIRA, 2001, p. 36).

No que diz respeito à prosa curtíssima, entre os escritores participantes da coletânea (Marçal Aquino, Almicar Bettega Barbosa, João Carrascoza, Sérgio Fantini, Rubens Figueiredo, Marcelino Freire, Altair Martins, João Batista Melo, Marcelo Mirisola, Cíntia Moscovich, Jorge Pieiro, Mauro Pinheiro, Carlos Ribeiro, Luiz Ruffato, Pedro Salgueiro e Cadão Volpato), Fernando Bonassi foi quem mais lançou mão da concisão extrema, um dos traços caracterizadores do microconto. As narrativas, num total de vinte e uma, possuem de

nove a dez linhas. Schollhammer afirma que, para a nova tendência do microconto, os autores mais novos como Fernando Bonassi, Marcelino Freire e Caldão Volpato (participantes de Geração 90: manuscritos de computador) são as referências, entretanto, não descarta clássicos como Zulmira Tavares, Dalton Trevisan e Vilma Arêas, que enveredaram pela narrativa brevíssima, com *O mandril* (1988), *Ah, e?* (1994), *Trouxa frouxa* (2000), respectivamente. No final do século XX, este tipo de texto narrativo brevíssimo ganha força no cenário brasileiro. A velocidade do nosso tempo, com o advento da tecnologia da informação e da comunicação, abriu espaço para uma nova forma de criação literária acelerada.

Não afirmando com isso que a literatura se limite a essa representação do nosso tempo, mas que a narrativa extremamente breve, aquela que não excede meia página (a exemplo da obra *Curta metragem: 67 microcontos*, 2006, de Edson Rossatto), é uma realidade praticada por bons escritores e recebida com entusiasmo pelos leitores.

Carlos Seabra, em seu artigo *A onda dos microcontos*, publicado na revista *Língua Portuguesa*, edição de abril de 2010, afirma que a “micronarrativa tem ingredientes do nosso tempo, como a velocidade e a condensação...” (p.01). Há o poder da concisão, mas a liberdade da prosa. O desafio é contar uma história em poucas palavras. Existem autores que estipulam o limite de até cento e cinquenta toques para os microcontos (contando letras, espaços e pontuação) e trezentas palavras para os minicontos; e outros, seiscentos caracteres. Nada é rigoroso, depende do escritor ou dos critérios editoriais. O limite de cento e cinquenta caracteres, a princípio, foi estabelecido porque cabe no formato de texto do celular.

Para Seabra (2010, p. 01), os microcontos são, antes de tudo, uma brincadeira, entretanto, ao nos debruçarmos sobre as micronarrativas de bons autores, percebemos pura literatura, aquela que encanta o leitor e o convida para coautor. Escritores consagrados “já brincaram nessa seara, como Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Millôr Fernandes, Dalton Trevisan, ainda sem pensar no conceito de ‘microcontos’”. Carlos Drummond de Andrade dizia que “escrever é cortar palavras”, o norte-americano Ernest Hemingway aconselhou “corte todo o resto e fique no essencial” e João Cabral de Melo Neto, que devemos “enxugar até a morte”. Em seu blog, *Lousa digital*, Sônia Bertocchi escreve:

Seguindo à risca a lição dos mestres, chegamos aos microcontos: ‘miniaturas literárias’ que cabem em panfletos, filipetas, camisetas, adesivos, postes, muros, tatuagens, cartão postal, hologramas, desenhos animados, arquitetura, instalação, música... e que podem ser lidos no ônibus, no metrô e... nas telas do computador (cá entre nós, um prato cheio para propostas de ensino de literatura e integração e novas tecnologias). (BERTOCHI, p. 01)

Segundo Bertocchi, o ensino de literatura a partir de microcontos é capaz de produzir no estudante o gosto pela leitura, inclusive dos livros clássicos, e pela produção textual. Não entregamos em mãos “inocentes” obras de Machado de Assis, por exemplo, antes de prepararmos o terreno para que o gosto pela leitura germine. O aluno incentivado a ler e produzir microcontos, com um projeto adequado, poderá aprender a gostar de Machado e/ou de outros. O microconto, explica Seabra

é como uma ligação muito forte através de um furinho de agulha no universo, algo que permite projetar uma imagem de uma realidade situada em outra dimensão. Como se por meio desse furo, dois cones se tocassem nas pontas, um menor, que é o que está escrito no microconto, e outro maior, que é a imaginação a partir da leitura – pois, mais do que contar uma história, um microconto sugere diversas, abrindo possibilidades para cada um completar as imagens, o roteiro, as alternativas de desdobramento (SEABRA, 2010, p. 01).

Tanto a leitura quanto a escrita de um microconto é um exercício que exigirá do estudante criatividade e poder de síntese, além de proporcionar uma brincadeira divertida (mas não fácil) à medida que abre diversas possibilidades para cada um suplementá-lo de acordo com conhecimentos prévios e criatividade. Quando avaliamos um microconto, com qualquer tamanho, procuramos personagens, conflito, narratividade, humor, dramaticidade ou pelo menos um final enigmático, tudo de forma muito concisa. Tais características, não necessariamente estão escritas, mas sugeridas. Entre o escrito e o sugerido, nasce o microconto de impacto. Não que obrigatoriamente um microconto com até cento e cinquenta caracteres será melhor do que um de meia página. A maestria está na relação entre o menor número de palavras e o maior número de significados possíveis.

Segundo Juliana Blasina, em *Microconto: o valor das pequenas coisas*, a narrativa brevíssima se adequa à necessidade de acompanhar a velocidade tecnológica do mundo moderno, utilizando-se das ferramentas disponíveis e compatíveis com sites microblogging com grande popularidade, alcançando, conseqüentemente, milhares de leitores. Assim:

[...], o microconto funciona como uma espécie de intervenção literária minimalista, pois invade a vida digital e impõe-se, causando surpresa desde o primeiro momento. É também uma forma de estimular a leitura com cápsulas literárias de fácil publicação, rápida leitura, mas não necessariamente rápida compreensão, pelo contrário: a microliteratura é muito mais complexa do que pode julgar um olhar superficial – os textos sucintos têm como objetivo trazer um instante de reflexão em meio a toda a massa de informações (...) dos meios digitais. É como um estalo de consciência, um breve despertar da percepção e do imaginário do leitor [...]. (BLASINA, p. 01)

O recorte do artigo de Blasina retrata, com propriedade, o valor do microconto dentro da sociedade atual. Uma narrativa extremamente concisa não significa falta de conteúdo, leitura e escritura fácil. É capaz de estimular a reflexão, a criatividade e fascinar tanto leitores quanto

escritores. Nem toda narrativa brevíssima é um microconto. A maioria dos autores defendem que, para considerar-se um microconto, um texto deve conter: concisão, narratividade, totalidade (um todo significativo), subtexto (implícito), ausência de descrição (exceto se extremamente essencial), retrato do cotidiano e final impactante.

Segundo Rodrigues, o microconto destaca-se na atualidade “como subgênero da prosa ficcional com imensa divulgação, centenas de cultores e milhares de publicações nas mídias sociais.” (p. 565). Por meio de vinte e nove aforismos, o autor faz um levantamento das principais características do microconto no Brasil:

1. O microconto é uma casca de ovo, com alguma clara e um pingo de gema que escorreu, boiando na enxurrada escura sob a luz noturna da lua minguante.

2. O microconto já existia em sociedades ágrafas; na sequência, podemos vê-lo em Tales e em Heráclito, assim como em Hesíodo e em Safo.

3. O microconto foi praticado em todos os períodos da humanidade, oculto nas dobras de outros gêneros e formas.

4. O microconto marca a ascensão do mundo digital, eletrônico, computacional, internético, que sepulta – sem ultrapassar – o universo das máquinas mecânicas.

5. O microconto é alexandrino por essência, e se vale da ambiguidade do ocaso que é aurora.

6. É desse microconto, que sepulta o albatroz baudelairiano erigindo bytes virtuais, de que falamos.

7. O microconto só se faz – de modo intenso e completo – com o espírito da virtualidade, mas se presentifica independente do suporte e do media.

8. O microconto é a fronteira da expressão literária, no limes entre poesia e prosa, entre épica e elipse, entre a rigidez do amor e a sinfonia atonal.

9. O microconto, mesmo aquele que se aproxima do humor mais escrachado, tem algo de soturno.

10. O microconto absorve todas as formas, fôrmas, gêneros e modos de expressão de todas as artes: é antropofágico e onívoro.

11. O efeito único do microconto é como um raio de sol que se refrata em todas as cores do arco-íris.

12. O microconto apresenta tantas menções intertextuais quantas são as palavras que o compõe. Onde se lê intertexto, leia-se hipertexto.

13. O microconto é o nó da rede: cada nó nunca é mais que uma fração mínima de um possível narrativo: o microconto é fóton que contém o universo.

14. No microconto, os hipertextos intertextuais que suplementam em acréscimo, debate ou interrogação presentificam-se como a sombra de um eclipse.

15. O microconto é silêncio, alma, morte e ressurreição.

16. O microconto transpõe barreiras, sendo o próprio limes.

17. A história submersa do microconto é um mergulho em desvãos pressentidos, porém insondáveis.

18. O microconto realiza todos os gêneros literários, todas as formas poéticas, todas as estratégias narrativas; o microconto é um fractal que convida o leitor para a contradança.

19. Não existe microconto de atmosfera ou de enredo: todo microconto persegue um enredo forjando uma atmosfera.

20. O microconto é o encontro da poesia com a prosa no balbúcio do recém-nascido.

21. No microconto não há uma história evidente e uma segunda história, secreta – jamais fragmento, há no microconto o encontro de diversas histórias, ou microconto não há.
22. Se a narrativa tem mais que a epifania após o clímax, não é um microconto.
23. Se a epifania do microconto fulge, o microconto vira um falso fogo-de-artifício.
24. O microconto pode ser um haiku, mas ao contrário do haiku, que morre se recebe um título, o microconto sem título fica manco das duas pernas.
25. O microconto pode ser lido em uma única risada.
26. O microconto, ainda que encene um dia radioso, de sol escaldante, no meio da tarde, é um gênero noturno.
27. O microconto é inapreensível. Toda arte é. A arte, em seu recorte, representa uma totalidade fechada, autônoma – e oxímora, referencial. O microconto também é totalidade.
28. O microconto coalesce nos limites da poesia e da narrativa, incorporando e transformando formas simples e subgêneros literários, formatando-se como um novo gênero.
29. O microconto é a poalha em réstia de luz nos escombros de uma casa em ruínas (RODRIGUES, 2011, p, 566-569).

Para fazer o levantamento das características do microconto brasileiro, Rodrigues (2011, p. 569) estudou obras de autores que já alcançaram reconhecimento pelas realizações literárias. Por meio dos aforismos, percebemos a relevância dessa forma de micronarrativa. Não falamos de algo vazio de significado, mas de uma maneira de expressão literária que carrega em si um mundo de ressignificação de outros gêneros, “formatando-se como um novo gênero”. Rodrigues (p.569) afirma, inicialmente, que “o microconto tem-se destacado nos últimos tempos, no Brasil, como subgênero da prosa ficcional...”, entretanto, à medida que suas reflexões avançam, nos deparamos, no final do vigésimo oitavo aforismo, com a informação de que o microconto está “..., formatando-se como um novo gênero”.

Há também uma preocupação com a estrutura e o estilo para alcançar a força sugestiva, a relação entre velocidade física e velocidade mental em que o leitor imagina a história ou as histórias. Outra questão é a relatividade do tempo, ora dilatado, ora contraído, ora linear, ora descontínuo. A rapidez é vista por Calvino (1988, p. 47) como “um nó de uma rede de correlações invisíveis”. Não só a rapidez, a concisão do estilo do microconto agrada porque apresenta ao leitor um turbilhão de ideias simultâneas, ou então a sucessão é tão veloz que parece simultânea, ondeando em abundantes pensamentos, reflexões, imagens e sensações. Por isso, quase sempre, não consegue abarcá-los de uma só vez, porque não há tempo de isentar sensações.

Para Calvino (1988, p. 55), “a excitação das ideias simultâneas pode ser provocada tanto por uma palavra isolada, no sentido próprio ou metafórico, quanto por sua colocação na frase, ou pela sua elaboração, bem como pela simples supressão de outras palavras ou frases etc”. O êxito do escritor de microconto está na expressão verbal que, em geral, implica uma paciente procura da frase com elementos insubstituíveis, do encontro de sons e conceitos mais eficazes

e plenas de significados. Trata-se da busca de uma palavra ou expressão necessária, única, densa, concisa, memorável. É verdade que a extensão ou brevidade de um texto são critérios exteriores, mas a densidade do microconto é singular. Há o máximo de invenção e de pensamento concentrados em poucas linhas. O microconto representa uma forma de “fazer” literatura consonante com a realidade contemporânea das novas tecnologias de comunicação e de informação, considerando o seu caráter de narrativa brevíssima.

O implícito gera interrogativas diversas que, por sua vez, criam inúmeras possibilidades de leituras, conseqüentemente, encontros de várias histórias. Características como brevidade, concisão extrema, narratividade, ficcionalidade, implicitude, intertextualidade, final surpreendente, participação ativa do leitor etc, se tornaram marca registrada em outras obras de Colasanti, a exemplo de *Contos de Amor Rasgados* (1986), composto por contos curtos, minicontos, segundo consta no prefácio.

O narrador só conta o essencial, há outras histórias implícitas, cabendo ao leitor escrevê-las a partir do sugerido. As obras do aclamado escritor curitibano Dalton Trevisan também são marcadas pela concisão, pelas narrativas curtíssimas com o intuito da interação entre o leitor e sua obra, na medida em que tudo o que não é dito ou silenciado cria vazios que convidam o leitor a preencher criativamente, a dialogar com o texto. Mesmo que a intenção do autor não tenha sido a escritura do microconto tal qual o conhecemos hoje, não se pode negar a existência da micronarrativa.

A escolha das palavras essenciais, representa o necessário para compreensão, o resto cabe à imaginação do leitor, possibilitando múltiplas interpretações. Valorizam-se os sinais gráficos e de pontuação; a narratividade, o final surpreendente.

Percebemos que o microconto atual se caracteriza pela brevidade extrema, pela economia de linguagem, pelo uso de palavras essenciais para que o leitor o abarque de uma só vez, pela representação de situações que exigem a participação do leitor e pelo caráter híbrido. Sua hiperbrevidade nasce da necessidade da criatividade narrativa do autor e não da imposição de não superar um determinado número de caracteres, exceto quando se trata de um espaço que o limita, como o Twitter, com, no máximo, cento e quarenta caracteres. O principal objetivo ao estudar o microconto vai além da teoria. Com a análise de alguns microcontos, comprovamos a sua riqueza para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, capaz de incentivar o estudante a voos mais altos, a fazer germinar o prazer de ler e refletir sobre o lido. A leitura é rápida, mas não necessariamente de rápida compreensão; pelo contrário, é mais complexa do que se julga com olhar superficial. Exige percepção, cumplicidade e imaginação. Uma narrativa

extremamente concisa não significa falta de conteúdo, leitura e escritura fácil. Por isso, é capaz de estimular a reflexão, a criatividade e fascinar tantos leitores.

Referências

- AZEREDO, José Carlos de. *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec, 1995.
- BERTOCCHI, Sônia. Literatura de alta velocidade. Disponível em: <http://lousadigital.blogspot.com.br/> Acesso em: 07 dez. 2017
- BLASINA, Juliana. *Microconto: o valor da pequenas coisas*. Disponível em: <http://www.jornalagora.com.br/> . Acesso em 08 dez. 2017
- BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1994. BRAGA.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- OLIVEIRA, Nelson. *Geração 90: manuscritos de computador*. São Paulo: Bomtempo, 2001
- SEABRA, Carlos. A onda dos microcontos. *Revista Língua Portuguesa*, edição de abril de 2010.
- RODRIGUES, Rauer Ribeiro. *Apontamentos sobre microcontos*. *Revista Língua Portuguesa*, edição de abril de 2010.